



RODAS DE CONVERSA

23º Grito dos/as Excluídos/as
07 de setembro de 2017

Por direitos e democracia, a luta é todo dia!

Apresentação

Os direitos e os avanços democráticos no Brasil, conquistados nas últimas décadas, são fruto das lutas populares. Exemplo disso foi a significativa participação da sociedade civil no debate para a elaboração e promulgação da Constituição Federal de 1988. O que contribuiu para a criação de novas leis, estatutos, bem como para o surgimento de espaços de participação populares. Embora, muitas leis que garantiam direitos sociais não tenham sido regulamentadas, e muito menos aplicadas, e hoje correm o risco de serem retiradas.

O processo democrático que garante vez e voz ao povo não foi consolidado, o que vivenciamos hoje é uma democracia representativa, profundamente questionada porque não representa a vontade popular, ao contrário é manipulado pelos interesses das elites. Se de fato “todo poder emana do povo”, como está na Constituição Federal, é preciso, com urgência, regulamentar e por em prática as leis que garantem vez e voz do povo nas decisões políticas do país. Avançar na democracia representativa para a democracia direta e participativa.

A organização, a participação e a construção da luta de classe precisa ser uma prática diária. Despertar a solidariedade entre os/as trabalhadores/as e organizar a resistência são elementos fundamentais nesse processo de democratização e defesa dos direitos. Entretanto, o objetivo da nossa luta vai além do direito e da democracia, pois visa à construção de um projeto popular para o Brasil e outro mundo possível: justo e solidário, onde a vida esteja em primeiro lugar. A luta é todo dia! Não devemos nos pautar somente em processos eleitorais, mas na garantia dos direitos, que não haja retrocessos e nenhum direito a menos, em um cenário de longo prazo. E com o sonho de construir uma nova sociedade pautada no bem viver.

Estamos propondo, como resultado de um processo coletivo de elaboração e como mais um mecanismo de aprofundamento, debate e aprendizado com os excluídos e excluídas, as RODAS DE CONVERSA.

São três Rodas com o objetivo de aprofundar e gerar diálogos sobre os temas pautados para o Grito dos Excluídos. Queremos também com as Rodas, organizar e preparar os atos do Grito no dia 07 de Setembro. Anime o seu grupo, coletivo, comunidade, movimento e pastoral, multiplique esse caminho de diálogos e formação, processos fundamentais para os tempos que vivemos.

Boa Roda de conversa e vamos à luta!

POR QUE RODAS DE CONVERSA

Nas rodas, as pessoas podem olhar umas para as outras, sorrir, cantar, esperar o tempo do outro no compasso da roda.

Vamos, em roda, conversar sobre o Grito dos Excluídos. O tema é “Vida em Primeiro Lugar” e o lema: “Por Direitos e Democracia a Luta é todo dia!”. Vamos conversar a partir dos eixos de debate do Grito desse ano, que são os seguintes: Unir os/as generosos/as; Democratizar a comunicação; Direitos básicos; Que Projeto de país desejamos. Que Estado queremos? Estado fomentador de violência; Participação Política e emancipação Popular; Uma ecologia integral. Vamos falar dos sonhos, dos desejos, das necessidades, de como é o lugar onde vivemos e o que falta para sermos felizes. Com as rodas de conversa vamos nos comprometer com coisas importantes para nós. Vamos escutar a voz das pessoas, vamos parar para entender como ela roda gira.

Acolhida Solidária

- O facilitad@r acolhe cada pessoa e inicia a explicação da técnica de apresentação;
- O facilitad@r pede para que cada pessoa diga o nome, em seguida as pessoas repetem o nome da pessoa e dando um passo para frente dizem: *nós te acolhemos*. Um passo para a trás e dizem: *te damos espaço*. Um passo para a esquerda e dizem: *caminhamos juntos*. E assim repetem o mesmo processo com todas as pessoas.

RODA 01

**DIREITOS: A
RESISTÊNCIA
POPULAR PARA
GARANTIR OS
DIREITOS**

Fazendo a Roda girar

- Distribuir os papéis com as palavras chave, como: *necessidades; direitos, vida; solidariedade; respeito; dignidades* e outras. Organizar junto a estas palavras, recortes com imagens de jornais e revistas que estejam representando direitos garantidos e que também apresentem situações de violação de direitos.
- Cada participante escolhe uma palavra e uma imagem e explica o porquê aquela imagem lhe chamou a atenção.
- Em seguida o facilitad@r pega um cartaz com o artigo 5º da Constituição Federal: *Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade*. O facilitad@r lê várias vezes a frase ajudando as pessoas a refletirem sobre. Em seguida motiva a conversa.

Perguntas geradoras

1. O que são direitos?
2. Quais são os direitos que estão sendo violados?
3. O que devemos e podemos fazer para garantir os direitos?

Ao final da conversa *cantar*:

*Irá chegar um novo dia
Um novo céu, uma nova terra, um novo mar
E nesse dia os oprimidos
A uma só voz, a liberdade, irão cantar*

*Na nova terra o fraco, o pobre e o injustiçado
Serão juizes deste mundo de pecado
Na nova terra o forte, o grande e o prepotente
Irá chorar até ranger os dentes*

*Na nova terra a mulher terá direitos
Não sofrerá humilhações, nem preconceitos
O seu trabalho todos vão valorizar
Das decisões ela irá participar
Na nova terra os povos todos irmanados
Com sua cultura e direitos respeitados
Farão da vida um bonito amanhecer
Com igualdade no direito de viver*

Gesto concreto de Solidariedade

O facilitad@r motiva para que como resultado da Roda de conversa, coletivamente, possam pensar em um gesto concreto. Algumas sugestões: Realizar audiência pública; abaixo assinado; realizar outras rodas de conversa com outros grupos, etc.

Despedida solidária

Retomar os materiais utilizados no início da Roda, as palavras, ilustrações, o cartaz do artigo da constituição federal e cantar o refrão: *Traga a bandeira de luta, deixa a bandeira passar, essa é a nossa conduta, vamos unir pra lutar*.

Roda 02

DEMOCRACIA PARA VIVER

Acolhida solidária

O facilitad@r acolhe cada pessoa e pede para que possam se apresentar utilizando a técnica da TV¹ de papelão. Cada pessoa se apresenta e diz qual o GRITO que quer apresentar. Enquanto isso uma pessoa vai filmando com a câmera de papelão, como se fosse de verdade.

Fazendo a Roda girar

Perguntas geradoras

- 1- O seu grito é repercutido? (ele aparece na TV e rádio ou em outras mídias?);
- 2- Quais são os lugares/espços que nossos gritos devem ser ouvidos e nossas demandas atendidas?

Depois da conversa motivar o grupo para ler de maneira dinâmica o texto abaixo e depois provocar para a socialização: Por que democratizar a comunicação é importante para a democracia?

Democratizar a comunicação

Na era da informação quem detém a mídia tem poder sobre a opinião das pessoas. Os meios de comunicação devem comunicar de forma isenta e transparente, só que no Brasil o que vemos é justamente o contrário. A comunicação é um bem público que o Estado concede o direito de operar, só que aqui essa operação atende a interesses particulares, dos endinheirados que só visam o lucro.

Existe um oligopólio familiar dos canais de televisão, rádios, jornais, revistas, portais de internet, que dificultam a entrada de outros canais que poderiam trazer pautas alinhadas com o interesse público. Somente com a regulamentação da mídia será possível falar em diversidade da informação e, deste modo, caminhar para uma sociedade mais democrática. Denunciamos esse modelo de mídia e comunicação e exigimos a sua regulamentação, assim como um processo transparente de democratização da informação em nosso país!

Gesto concreto de Solidariedade

O facilitad@r motiva para que como resultado da Roda de conversa, coletivamente, possam pensar em um gesto concreto. Algumas sugestões: realizar oficina de montagem de cartazes para o ato do Grito dia 07 de setembro; organizar espaços de denúncias; organizar um momento de formação na comunidade sobre políticas públicas e outros.

Despedida solidária

Motivar para que possam coletivamente elaborar até três Gritos em comum para que sejam manifestados no ato do Grito dia 07 de setembro. Finalizar cantando o hino do Grito dos Excluídos 2017 (em anexo).

¹ Para a realização da técnica da TV de papelão deve-se fazer uma imitação de uma câmera de papelão.

Acolhida solidária

O espaço está ambientado com os cartazes do Grito e outras imagens que refletem a realidade (saneamento, saúde, educação, lixo, grandes projetos, etc.).

O facilitad@r recebe cada pessoa e motiva para se apresentarem, dizendo o nome e o cheiro que traz de onde vem. Uma pessoa partilha óleo perfumado com todas as pessoas, motivando para que este cheiro comum seja o que une a tod@s nas histórias de luta. Ao final das apresentações, de mãos dadas vamos dizer três vezes coletivamente o tema da Roda: *Nossas vidas, nossas lutas, nossas histórias*. Em seguida cantar junt@s:

- Deus chama a gente prum momento novo
de caminhar junto com o Seu povo.
É hora de transformar o que não dá mais
Sozinho, isolado, ninguém é capaz
- Não é possível crer que tudo é fácil
Há muita força que produz a morte
gerando dor, tristeza e desolação.
É necessário unir o cordão.

- Por isso vem entra na roda com a gente também,
você é muito importante.
- A força que hoje faz brotar a vida
habita em nós pela sua graça.
É ele quem nos convida pra trabalhar,
o amor repartir e as forças juntar.

Fazendo a Roda girar

Uma pessoa entra declamando a poesia e caminhando por entre as ilustrações das realidades de injustiça.

“O Bicho” – Manoel Bandeira

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:

Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.

Perguntas geradoras

Importante: O facilitad@r da Roda de conversa necessita provocar a discussão para o mais amplo do que o poema trata. Cuide-se para que a conversa não gire apenas no que o poema trata na sua literalidade, mas que ampliemos a visão para a estrutura do Estado que produz o ser humano descartável. E cuidar que todos/as falem, expressem sua opinião.

- Como é o mundo em que vivemos? Quais são as injustiças e situações de desumanização que encontramos nesses espaços?
- Quem é o bicho de que o poema fala?
- Quem ou o que produz o bicho e os espaços onde ele vive?
- Que bicho sou eu e o que eu tenho engolido com voracidade?

RODA 3

*NOSSAS VIDAS,
NOSSAS LUTAS,
NOSSAS HISTÓRIAS*

Ao final da conversa, motivar para que cantem ou leiam coletivamente a música Perfeição (Legião Urbana).

*Vamos celebrar a estupidez humana
A estupidez de todas as nações
O meu país e sua corja de assassinos covardes
Estupradores e ladrões
Vamos celebrar a estupidez do povo
Nossa polícia e televisão
Vamos celebrar nosso governo
E nosso estado que não é nação
Celebrar a juventude sem escola, as crianças mortas
Celebrar nossa desunião
Vamos celebrar Eros e Thanatos
Persephone e Hades
Vamos celebrar nossa tristeza
Vamos celebrar nossa vaidade
Vamos comemorar como idiotas
A cada fevereiro é feriado
Todos os mortos nas estradas
Os mortos por falta de hospitais
Vamos celebrar nossa justiça
A ganância e a difamação
Vamos celebrar os preconceitos
O voto dos analfabetos
Comemorar a água podre e todos os impostos
Queimadas, mentiras e sequestros.
Nosso castelo de cartas marcadas
O trabalho escravo, nosso pequeno universo.
Toda a hipocrisia e toda a afetação
Todo roubo e toda indiferença
Vamos celebrar epidemias
É a festa da torcida campeã
Vamos celebrar a fome
Não ter a quem ouvir, não se ter a quem amar
Vamos alimentar o que é maldade*

*Vamos machucar o coração
Vamos celebrar nossa bandeira
Nosso passado de absurdos gloriosos
Tudo que é gratuito e feio
Tudo o que é normal
Vamos cantar juntos o hino nacional
A lágrima é verdadeira
Vamos celebrar nossa saudade
E comemorar a nossa solidão
Vamos festejar a inveja
A intolerância, a incompreensão
Vamos festejar a violência
E esquecer a nossa gente
Que trabalhou honestamente a vida inteira
E agora não tem mais direito a nada
Vamos celebrar a aberração
De toda a nossa falta de bom senso
Nosso descaso por educação
Vamos celebrar o horror de tudo isto
Com festa, velório e caixão
Está tudo morto e enterrado agora
Já que também podemos celebrar
A estupidez de quem cantou essa canção
Venha!
Meu coração está com pressa
Quando a esperança está dispersa
Só a verdade me liberta
Chega de maldade e ilusão
Venha!
O amor tem sempre a porta aberta
E vem chegando a primavera
Nosso futuro recomeça
Venha que o que vem é perfeição*

Gesto concreto de Solidariedade

Motiva-se as pessoas a de forma lúdica retratarem em cartazes como seria de fato a sociedade, que se quer celebrar. Esses cartazes devem ser depois utilizados para o ato do Grito e as sugestões de mudança da sociedade podem ser anotadas para serem apresentadas como anseios da sociedade no Grito.

Despedida solidária

Finaliza-se com um coração de tecido² cheio de gelo dentro, e o coração vai passando de mão em mão enquanto as pessoas vão dizendo o que ficou para elas neste encontro. Enquanto vai passando de mão em mão, o gelo vai derretendo e o facilitad@r faz a reflexão de que nosso coração foi derretendo e se aquecendo durante a Roda de conversa. Ao final cantar o refrão:

“Dá-nos um coração, grande para amar. Dá-nos um coração forte para lutar.”

² Se não tiver um tecido em forma de coração, pode-se colocar em um tecido com o desenho de um coração, ou outras possibilidades que a criatividade apontar.

ANEXOS

Hino do Grito dos Excluídos/as deste ano, letra Jadir Bonacina/MAB:

As mulheres vão, os homens também
 Não pode faltar ninguém no grito das excluídas
 Os jovens vão, as crianças também
 Não pode faltar ninguém no grito dos excluídos

O Brasil está sendo golpeado
 E o povo pagando o pato
 Saquearam a democracia
 Sem direito a aposentadoria

Saúde, educação
 Moradia e ter dignidade
 Melhorar a vida do povo
 No campo e na cidade

Por direitos e democracia
 A luta é todo dia
 Por direitos e democracia
 A luta é todo dia

EIXOS DO 23º GRITO

1. *DEMOCRATIZAR A COMUNICAÇÃO*

Na era da informação quem detém a mídia tem poder sobre a opinião das pessoas. Os meios de comunicação devem comunicar de forma isenta e transparente, só que no Brasil o que vemos é justamente o contrário. A comunicação é um bem público que o Estado concede o direito de operar, só que aqui essa operação atende a interesses particulares, dos endinheirados que só visam o lucro.

Existe um oligopólio familiar dos canais de televisão, rádios, jornais, revistas, portais de internet, que dificultam a entrada de outros canais que poderiam trazer pautas alinhadas com o interesse público. Somente com a regulamentação da mídia será possível falar em diversidade da informação e, deste modo, caminhar para uma sociedade mais democrática.

Denunciamos esse modelo de mídia e comunicação e exigimos a sua regulamentação, assim como um processo transparente de democratização da informação em nosso país!

2. *DIREITOS BÁSICOS*

O Brasil “democrático” foi construído com um desejo impetuoso das elites de dominar, acumular e lucrar mais e mais à custa do povo. É um Brasil que desrespeita os direitos fundamentais: à vida, à dignidade, a ter direitos. Nossa história é marcada pela violência e dominação através da guerra e extermínio dos povos originários (indígenas, negros e quilombolas), dos pobres, das mulheres e da juventude. Este sistema não nos suporta, não suporta os povos, os direitos. O acesso, ampliação e universalização dos direitos fundamentais conquistados e garantidos na Constituição Federal de 1988, e que não foram plenamente implementados e universalizados, hoje estão sendo ameaçados.

A elite brasileira nunca aceitou os direitos que foram conquistados e conseguiu, com o apoio da mídia conservadora, realizar um golpe “democrático” no Brasil, em 2016, e estabelecer uma agenda de retrocessos nos direitos da classe trabalhadora. Em nome da crise econômica, o governo golpista de Michel Temer está fundamentando a redução e a negação de direitos básicos, com o corte dos investimentos sociais, beneficiando ao sistema financeiro transnacional.

Estamos no meio de um ataque aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras: congelamento dos investimentos por 20 anos, reformas da previdência e trabalhista que abrem um leque para privatizações dos serviços básicos. Assim, privilegiando as empresas que vão operar estes serviços, em um verdadeiro assalto aos direitos sociais.

Vamos nos juntar e fortalecer a luta e a resistência contra qualquer retrocesso e ameaça aos nossos direitos (saúde, educação, aposentadoria, terra, água, salário maternidade, transporte, etc.). Nenhum direito a menos! Por isso, a rua é o nosso lugar!

3- ESTADO FOMENTADOR DE VIOLÊNCIA

A política do Estado mínimo, imposta pelo sistema capitalista neoliberal busca a acumulação de capital, em detrimento das políticas sociais, cuja implementação, muitas vezes, fica a cargo de terceiros. Prática que fomenta as várias situações de violência. A primeira refere-se ao descaso com a qualidade dos serviços oferecidos (água, saneamento, educação, saúde, transporte, dentre outros), por vezes terceirizados e precarizados. Uma segunda forma é quando o Estado destrói nossos territórios, degrada e mata, gera violência e criminaliza as lutas e os lutadores/as, como no desastre de Mariana. A terceira situação de violência é a criação de formas de acabar com as poucas leis ou mecanismos específicos de proteção: Estatuto da Criança e do Adolescente, do Idoso; Lei Maria da Penha, políticas afirmativas, que indicam claramente as desigualdades sociais e vulnerabilidades existentes, numa espécie de “epidemia de indiferença”, com a cumplicidade do Estado.

A violência é justificada como forma para o Estado funcionar, ela é “silenciosa” e seletiva com os setores vulneráveis da sociedade a fim de contê-los. O sistema capitalista exclui a juventude negra, pobre e da periferia, degrada o meio ambiente e mata negros, mulheres, índios, quilombolas, LGBT(s) e não nos suporta!

4. QUE PROJETO DE PAÍS DESEJAMOS? QUE ESTADO QUEREMOS?

O Estado sempre foi assediado e disputado pelo capital como instância que lhe garante acessos, facilidades e proteção. A corrupção não é uma novidade, nem no Brasil, nem em lugar algum do mundo, ela faz parte do sistema e o mantém. Portanto, devemos nos desvencilhar desta armadilha que foi montada sobre a corrupção e de processos eleitorais, e refletir sobre: Que Estado queremos? Que país desejamos?

Certamente, uma nação que sustente um projeto comum, que garanta o crescimento econômico, não dos grandes empresários, das instituições milionárias, mas sim da classe trabalhadora. Com distribuição de renda de forma igualitária, garantia de fato dos direitos a todos e todas, especialmente os/as mais vulneráveis e excluídos/das. Um Estado que olhe com atenção aos pequenos/as produtores, à agricultura familiar, à indústria nacional, à educação pública, gratuita e de qualidade. Que fortaleça, promova e universalize o SUS, desenvolva a pesquisa e a ciência; facilite o acesso à cultura, à habitação, a terra, ao trabalho, à alimentação. Um Estado que preste atenção às populações que vivem na e da floresta. Um Estado alicerçado na garantia e acesso aos direitos e comprometido com o povo e a vida. Um Estado soberano, não subserviente a serviço de interesses estrangeiros.

5. PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E EMANCIPAÇÃO POPULAR

Sob um governo golpista e ilegítimo, as experiências coletivas estão em xeque. O trabalho de base e a formação de coletivos de luta e resistência, nos mais diferentes recantos de nosso país, rompem com esse novo padrão que tentam nos impor.

Reconstruímos o país com as Diretas Já, elaboramos uma avançada Constituição Cidadã, conquistamos vários direitos que hoje estão ameaçados. Isso indica que não há um modelo pronto. A juventude que ocupou as escolas nos desafia a repensar o método, a pedagogia do trabalho de base e, principalmente, retomar com nova linguagem, novo jeito de dialogar, nos apropriando dos instrumentos de comunicação que dispomos.

Devemos romper com a lógica de pensar a participação a partir de processos de representação eleitoral, de cargos públicos eletivos, sem descartá-la, mas dando a ela um novo significado. Precisamos também ressignificar os espaços de participação históricos que conhecemos e usamos diversas vezes: os plebiscitos, referendos, conselhos gestores, orçamento participativo e etc. Já, que alguns destes instrumentos foram sendo apropriados na sua estrutura e discurso por governos de plantão e deixaram de representar os verdadeiros interesses da população.

A participação política é fundamental para provocar processos de mudanças estruturais, na construção de uma sociedade, de um Estado e um país verdadeiro soberano, justo e equitativo. Todos e todas somos convidados a participar para construir a democracia e assegurar nossos direitos.

6. UNIR GENEROSAS/OS NAS RUAS

A rua traz consigo dois sentidos, principalmente para moradores das periferias, pode ser um ambiente de acolhimento, mas também de abandono e perigo. Toda a violência sofrida pela periferia, sobretudo a policial, provoca o medo das pessoas de frequentar a rua como um espaço de convivência e de uso coletivo, o que nem sempre é uma preocupação em alguns bairros de classe média.

Com muita persistência, alguns coletivos, indivíduos e organizações vêm ressignificando o que é ocupar a rua e os sentidos que isso implica na vida cotidiana das pessoas. O que acontece pela contínua efervescência da cultura periférica, com diversos grupos que atuam a partir de linguagens artísticas e mostram seu trabalho, conseguindo se organizar politicamente e transformar a realidade local.

A rua é um espaço de troca de vivências e saberes, é também onde construímos e defendemos nossos direitos que, hoje mais do que nunca, estão sendo postos à venda pelo próprio governo/Congresso para atender aos interesses do capital, a quem obedece servilmente. A rua é o lugar da resistência e historicamente tem sido o nosso ponto de encontro, dos generosos/as, dos lutadores/as, da militância.

Em tempo de retrocessos democráticos se torna mais urgente e necessário ocuparmos esse espaço. Vamos para as ruas não só para lutar, mas também para celebrar. Ocupar a rua é vivenciar, é sentir, é olhar o outro sem (pré)conceitos, racismo, machismo, homofobia, é olhar o outro na sua integralidade e como companheiro/a de trincheira.

O Papa Francisco também nos convoca. Não deixemos mais o sistema incorporar e abrir um abismo entre nós e nossos companheiros e companheiras de caminhada. A praça, a rua, os bares... vamos enchê-los de novo! Vamos nos misturar todos de novo, porque é junto que generosas e generosos vão conseguir pensar um projeto de sociedade mais democrático, em que todos e todas tenham voz, vez e lugar.

7. UMA ECOLOGIA INTEGRAL

A Campanha da Fraternidade desse ano trouxe para a reflexão os biomas brasileiros, as ameaças a que estão submetidos e a convocação para lutar em sua defesa. Falar de bioma não é só falar de plantas, animais, fungos e as relações entre si, mas também inclui os seres humanos. Cada bioma é um grande conjunto de pequenos ecossistemas que reúne uma comunidade de seres vivos de todo o tipo em um único território.

O ecossistema em que vivemos, por mais artificial que seja, como as grandes cidades – que ainda assim fazem parte dessa comunidade - deixa sua marca em nós: nossa história, nossa infância, nossa visão de mundo, nossas relações, mesmo o nosso tipo (bio)físico. Tudo em nós tem a marca da grande comunidade e ancestralidade a que pertencemos.

Denunciar e lutar contra a destruição dessa comunidade é lutar por nossa casa comum, pela vida em toda a sua integralidade, pelo Planeta, “que sofre em dores de parto”. O agronegócio empobrece o solo, polui as águas e leva perigo a todo o ecossistema. O monocultivo, os agrotóxicos, os transgênicos, a exploração irracional das florestas e a atividade mineradora podem causar desastres criminosos, como o de Mariana (MG) e toda a Bacia do Rio Doce. Deixam críticas as condições de vida e contribuem para a mudança climática.

A destruição faz parte do sistema ganancioso de acumulação e lucro do capital. A vida, as abelhas, as plantas, tudo vira uma mercadoria. Devemos lutar pelas mudanças desse sistema que exclui, degrada e mata. É preciso resistir: pela nossa história, pela vida do Planeta, por “Vida em primeiro lugar”!

EQUIPE DE ELABORAÇÃO: Participantes do 19º Encontro Nacional dos/as Articuladores/as Do Grito dos/as

Excluídos/as: Adonias (Teresina/PI), Adriana (São Luis/MA), Alberto (Curitiba/PR), Alessandra (Caritas Brasileira), Ana Rogéria (Jubileu/CE), Antonio Neto (Boa Vista/RR), Ari (Secretaria Nacional/SPM), Cleiton (CNTE), Emanuel (Porto Velho/RO), Fabiano (Rede Rua), Felipe (Belo Horizonte/MG), Felipe (Rede Rua/SP), Francismarina (Po/Nacional), Frei Olavio Dotto (Pastorais Sociais/CNBB), Gianfranco (Pastoral Carcerária Nacional), Gegê/CMP-SP, Goretti (Secretaria Grito/SP), Janete (Montes Claros/MG), José Gimenes (Grito Continental), José Jardel (Aracaju/SE), Karina (Secretaria Nacional do Grito/SP), Laísa (Belo Horizonte/MG), Larissa (Salvador/BA), Marcelo (Recife/PE), Marcos Bezerra (Recife/PE), Maria das Graças e Reinaldo (Jundiá/SP), Maria Ferreira (Rede Rua), Nalu (MMM), Pe. Paulinho (Belém/PA), Regilvania (Pastorais Sociais NE I-Fortaleza/CE), Reinaldo (Jundiá/SP), Ricardo (Maranguape/CE), Roberval (SPM), Rodrigo (Cocal do Sul/SC), Rosilene (Jubileu), Vinicius (Rede Rua), Zarete (Manaus/AM). **Sistematização/Diagramação:** Alessandra Miranda, Karina da Silva Pereira.